

CÂMARA CASCUDO E MÁRIO DE ANDRADE NOS ANOS 30: DESAFIOS DA POLÍTICA E DA PESQUISA SOB TENSÃO

Edna Maria Rangel de Sá (UFRN)

RESUMO: Leitura sobre a correspondência entre Mário de Andrade e de Câmara Cascudo durante os anos de 1930, época de grandes transformações na história do Brasil e na vida dos dois escritores. As cartas desse período têm quase sempre um forte tom político, ideológico que, de certa forma, sobrepuja as questões artísticas e literárias ou aparecem imbricadas a estas. Durante os anos 30, a presença de Mário de Andrade se intensifica no Nordeste, como resultado de sua visita em 1928. É a partir de 1929/1930 que Mário passou a fazer parte de várias instituições locais, como o Instituto de Música, onde ele se torna professor honorário e tem uma sala batizada com o seu nome. A década de 30, principalmente na sua segunda metade, irá contemplar um Cascudo mais abatido espiritual, econômica e intelectualmente, após sofrer alguns embates em diversas áreas de sua vida. O modernismo no e do Rio Grande do Norte se dará, principalmente, por meio desta correspondência e suas várias ramificações, como por exemplo, ensaios de Mário de Andrade publicados em jornais e revistas locais, livros deste distribuídos e divulgados na província por Câmara Cascudo, assim como ensaios e livros de Câmara Cascudo publicados e/ ou divulgados no centro sul do país. Dessa década, constam 75 cartas, 47 de Câmara Cascudo e 28 de Mário de Andrade, textos que formam o corpus de análise deste artigo.

Palavras-chave: Luís da Câmara Cascudo; Carta; Anos 1930; Vida Literária; Modernismo.

Abstract: Reading about the correspondence between Mário de Andrade and Câmara Cascudo during the 1930s, a time of great change in the history of Brazil and in the lives of the two writers. The letters of this period often have strong political, ideological tone that somehow surpasses the artistic and literary issues or seem intertwined to these. During the 30's years, the presence of Mário de Andrade intensifies in the Northeast as a result of his visit in 1928. Is from 1929/1930 that Mario became part of various local institutions such as the Institute of Music, where he becomes honorary professor and has a room baptized with his name. The 30's, especially in its second half, will include a more spiritual, economic and intellectually downcast Cascudo, killed after suffering some clashes in several areas of your life. Modernism of and in the Rio Grande do Norte will occur mainly through this correspondence and its various branches, for example, essays by Mário de Andrade published in local newspapers and magazines, books and distributed and promoted in this province by Cascudo, as well as essays and books Cascudo published and / or disclosed in the south center of the country. This decade, contained 75 letters, 47 of Cascudo and 28 of Mário de Andrade, texts that form the corpus of analysis this article.

Key-words: Luís da Câmara Cascudo; Charter; 1930s; Literary Life; modernism.

Os anos 30 foram de engajamento político, religioso e social no campo da cultura. Mesmo os que não o definiam explicitamente, e até os que não tinham consciência clara do fato, manifestaram na sua obra esse tipo de inserção ideológica, que dá contorno especial à fisionomia do período (Antonio Candido).

A Carta era um meio de comunicação fundamental numa época ainda não povoada pela tecnologia e pelas facilidades dos contatos via redes sociais. Diríamos mesmo que, naquele momento, a troca de missivas foi basilar para o intercâmbio de informações e para a posterior “reconstrução” desse quadro de troca de informações entre intelectuais, principalmente “numa época de quinas e pontas onde, quem não soubesse andar com flexibilidade viveria a sofrer machucões”.

A década de 30 do século XX foi marcada por inúmeras mudanças, em diversas áreas, e por movimentos, muitas vezes, bem pouco pacíficos. Dessa década, encontramos 75 cartas, 47 de Câmara Cascudo e 28 de Mário de Andrade. Nessa década, percebemos uma inevitável imbricação da política com a literatura e a cultura, pois os anos 30 foram marcados por intensa agitação política, greves e aprofundamento da crise econômica.

Durante o decênio de 30, parece mudar a posição do artista, que passa a ter uma maior consciência da condição do intelectual e a buscar a sua função na sociedade e no Estado. É aí que muitos intelectuais passam a ocupar cargos no Estado. Alguns, como Mário de Andrade, passam a viver com exclusividade para a nova função, deixando um pouco de lado a sua condição de escritor. Era o intelectual, o poeta, o escritor interagindo com a cultura e tentando mudar o país através da cultura. Mas, não foram poucos a se decepcionarem e perceberem o alto preço que teriam que pagar por essa nova condição.

Segundo o próprio Mario de Andrade, em conferência proferida na “Casa do estudante do Brasil”, no Rio de Janeiro, em 30 de abril de 1942 (ANDRADE, 1975), a década de 20 foi uma espécie de preparadora dos acontecimentos que explodiram na década de 30: quando o autor vai discorrer sobre o “espírito romântico” fazendo certa analogia entre este e o espírito revolucionário modernista, ele deixa claro essa relação entre as duas décadas – “Foi essencialmente um preparador; o criador de um estado de espírito revolucionário e de um sentimento de arrebatamento” – e, mais adiante, completa:

Este espírito preparou o estado revolucionário de que resultou a independência política, e teve como padrão bem briguento a primeira tentativa de língua brasileira. O espírito revolucionário modernista, tão necessário como o romântico, preparou o estado revolucionário de 30 em diante, e também teve como padrão barulhento a segunda tentativa de nacionalização da linguagem (ANDRADE, 1975, p. 241-250).

Nesses dois decênios, assistiremos ao admirável esforço dos intelectuais brasileiros, modernistas da Semana de Arte Moderna e da nova geração, em construir uma literatura universal e válida. E talvez venha daí a busca do equilíbrio entre a pesquisa local e as aspirações cosmopolitas. Esta parece ser a década da maturação dos frutos semeados na década de 20, assim como da colheita e seleção desses frutos, ou seja, da produção das obras e da “criação” de um cânone nacional.

Em 1930, Cascudo parece já fazer parte do “cânone” no centro-sul do país, como atesta a carta de Mário de Andrade de 02 de junho de 1930. Os escritores incluídos na referida carta são aqueles que formarão o “primeiro cânone nacional” e são representantes legítimos da literatura modernista de 1930:

Fica tudo decidido assim: sua colaboração no Diário Nacional sai às quintas-feiras. Não deixe de mandar sempre com bem calculo para que o jornal não quebre a linha. Imagine só: foi reservado o canto de cima, direita do leitor, diariamente pro que no Diário estão chamando “o primeiro team”. Somos: você, Manuel Bandeira, Ronald de Carvalho, Alcantara Machado, Carlos Drummond de Andrade, e eu. Cada um tem seu dia certo e quando falha você compreende: é um desastre. Escangalha a página, a sensação do leitor fino que procura a gente de jornal, é o diabo. A secção está fazendo furor, comentada, lida, aplaudida (Carta de Mário de Andrade, de 02/06/1930).¹

Em consequência dos movimentos políticos que estouraram em todo o país, há uma inevitável imbricação entre estes e os temas literários e culturais. Em tal circunstância, Mário de Andrade, em carta de 18 de novembro de 1930, relata com detalhes os acontecimentos, emoções e sofrimentos, seus e de seus familiares, em decorrência da revolução de 1930:

Assim eu com essa revolução. Primeiro foram as tristezas do abatimento, nesta cidade envergonhada que era o foco do perrepismo, você sabe. Meu mano preso, inquietação nas mulheres da família que apesar de enérgicas não chorando, bem demonstravam pela largura dos olhos o terror que ia por dentro e os pasmos da irresolução. Não

¹ Esclarecemos que a fonte de citação da correspondência entre Mário de Andrade e Câmara Cascudo é a nossa dissertação de mestrado, que inclui a transcrição das cartas nos seus anexos (GOMES, 1999). A partir desta primeira citação, as autorias dos trechos citados, da correspondência, receberão os códigos: MA (trecho de carta de Mário de Andrade); CC (trecho de carta de Câmara Cascudo).

era possível acalmá-las. [...] Sofri bem, companheiro, foi terrível, dentro de casa êsse pasmo angustioso com sabor de morte pelo mano sequestrado, fora de casa seguido por secretas, perguntando sobre os caminhões que paravam na nossa porta e a paúra perrepista imaginava cheio de armas, de traições e de perigos. Um inferno (MA.18 nov.1930).

Nessa carta, podemos perceber, Mário faz não uma análise da revolução como ela foi, com suas conseqüências para o país, mas um relato emocionado, e até apaixonado, do que foi a revolução em sua vida. Ele ainda lamenta a situação dos amigos potiguares e pede que Cascudo escreva uma carta-relatório detalhada sobre a situação no Rio Grande do Norte:

Tenho felicidade pelos amigos que venceram, mas resta sempre o sofrimento pelos que estão sofrendo agora. Penso constantemente nos amigos d'áí que caíram [...] Penso no Dr. Lamartine, penso no Omar, muito no Cristovam [...] Penso no Aduauto, penso, penso... e a noite vai caindo sobre mim numa tristeza desolada. Você vai me escrever, Cascudinho, uma carta que não exijo longa mas quero bem explicativa. Conte de um por um, todos como estão dentro da ordem nova das coisas (MA.18 nov.1930).

Cascudo responde sucintamente, em 05 de dezembro de 1930:

Sobre os políticos do estado, uma verdadeira calamidade. [...] Sobre Cristovam nada apareceu ainda nem sobre o Omar que fugiu e já voltou sem ter sofrido nadinha. Aduauto, coitado, está até as orelhas... acusações terríveis de surras, perseguições [...] Ele foi demitido de professor do Atheneu. Por ora só (CC).

Esse tom lacônico que percebemos neste texto não seria medo da censura postal? Não estaria aqui um exemplo da possibilidade de quebra de sigilo da correspondência, assegurado por todas as constituições? Quem escrevia para alguém, cujo irmão estivesse preso por motivos políticos, era suspeito e, sendo Cascudo o intelectual que era, criava-se uma combinação perigosa, que facilmente levantaria suspeitas.

Em carta de 23 de dezembro de 1930, Mário de Andrade comenta um encontro que teve com Cristovam Dantas e fala da opinião daquele sobre a situação do Rio Grande do Norte:

Estive com o Cristovam Dantas que encontrei na rua. Ainda não fui visitar porquê a coisa fica difícil pra mim, ele está na Agencia Brasileira que me desagrada de pisar. Fiquei satisfeito de vê-lo mas triste por ele, por todos e pelas coisas que me contou. Está bem menos otimista que você sobre as coisas d'áí (MA).

Cristovam Dantas conversou pessoalmente, e livre de censuras, com Mário. Já por carta “a conversa era outra” e poderia ser interceptada. Talvez venha daí o otimismo que Mário diz haver no escritor potiguar, quando este fala dos efeitos da Revolução, e o tom vago que transparece em várias cartas daquele período. É importante notar também que só após o fato passado e as coisas acalmadas, quando tudo volta à normalidade, é que Cascudo comenta o episódio e as consequências em seu estado. Foi assim com a Revolução de 1930 e durante a Revolução Constitucionalista de 1932.

Em carta de 07 de janeiro de 1931, Cascudo fala de *Remate dos Males*, livro de poesia de Mário de Andrade:

Recebi “Remate dos Males” e farei a distribuição hoje. Você disse bem que elle era o mais subtil, o mais difficil como poesia mesmo perdendo aquelle cheiro de espontaneidade bruta que há em “Clan do Jabuti”. [...] No “Remate dos Males” achei muito do que gostar-gostou como synonimo de ter-coisa-por-sua, de si mesmo. Pra admirar quase tudo mesmo o seu lyrismo que é um lyrismo subtil, de nervos a dentro, mysterioso e evocador de coisas palpaveis e invisíveis. Mas as louvações são doidas de boniteza. [...] Achei um Mário como marotte nos vulcões, bailando sobre vulcões que não sei o que é. Assim como o tresentos que não entendi (CC. 22 jan.1930).

Cascudo classifica *Remate dos Males* como o melhor livro de Mário de Andrade, como sendo o retrato do intelectual, como uma obra pessoal com referência para o coletivo. Ele diz, a respeito do livro, o que Mário diz a propósito de *Libertinagem*, de Manuel Bandeira, no artigo “A poesia em 1930” (ANDRADE, 1975): “‘Libertinagem’ é um livro de cristalização. [...] É o livro mais indivíduo Manuel Bandeira de quantos o poeta já publicou”. Mais do que uma característica, essa marca de indivíduo onde o coletivo de vê era uma conquista dos poetas da década de 30. Na busca de um lastro comum de identidade, Cascudo ainda consegue encontrar “um pedaço dos nordestinos” dentro do livro de Mário de Andrade: “A cantiga do ar me agradou immenso porque estamos nós do norte alli dentro com violão, peixe frito e cachaça”.

Nos anos 30, Mário de Andrade estava presente no Rio Grande do Norte e Nordeste através de sua correspondência com Cascudo, e das obras que eram sempre enviadas de São Paulo e distribuídas entre os amigos potiguares. Cascudo enviava, quase sempre via Mário de Andrade, artigos e plaquetes sobre assuntos diversos para jornais e revistas do centro sul do país, e que muitas vezes circulavam em países como

Portugal e Argentina. É o autor de *Alma Patrícia* (1921) que apresenta a Mário de Andrade, via carta, Luís Emílio Soto, escritor e crítico literário argentino. Primeiro, ele envia a Emílio Soto obras do poeta paulista, enviando também o endereço da “Rua Lopes Chaves”. Logo após, fala do Emílio Soto para Mário, enviando-lhe o endereço do argentino.

O intercâmbio de notícias, ideias, opiniões, livros e pesquisas entre o escritor potiguar e o escritor paulista e, conseqüentemente, entre suas obras, era uma constante. A correspondência, e correspondências, entre Mário de Andrade e Câmara Cascudo parece ser uma das pontes que ligavam, àquela época, Nordeste e Centro Sul do país em termos literários e culturais. Isso fica mais claro se atentarmos para os diversos intelectuais potiguares (como Jorge Fernandes, Waldemar de Almeida, Barôncio Guerra, Antonio Bento, entre outros) e nordestinos (como Ascenso Ferreira e Manuel Bandeira, este último o desenhista pernambucano que ilustra *O Livro do Nordeste* e que é homônimo do conhecido poeta) que Cascudo apresentou a Mário enviando-lhe trabalhos e endereços destes. Algumas vezes, Cascudo vai mais longe com o intuito de criar laços de amizade entre Mário e os nordestinos, como atesta a sua carta de 27 de abril de 1931:

Vou confessar um crime de estellionato cometido por mim. A vítima é v. Não sei se V. já recebeu uma carta de Baroncio Guerra agradecendo logographicamente o envio do “Remate dos Males”. Há neste até uma dedicatória de V. para elle. Eu sou o culpado de tudo mas não quero que o Baroncio esmoreça no amor furioso que elle tem por V. Para manter esse fogaréu escrevinhei o seguinte corpo de delito: – PRO BARONCIO – e adiante risquei um M com um traço. Só e só. Baroncio ficou alegríssimo e o amor activou-se de uma maneira abundante. Eis aqui o crime. Elle está certo que V. mandou o livro e que aquelle M com um risco quer dizer Mário (CC).

É Mário de Andrade quem faz contato com revistas e jornais de São Paulo onde são publicados trabalhos de Cascudo, são divulgados vários de seus livros, através de resenhas em jornais, e é ele também quem, muitas vezes, cuida de receber e enviar os honorários ao amigo potiguar.

Em carta de Cascudo, de 02 de maio de 1933, podemos perceber a importância e a presença marcante de Mário de Andrade no Rio Grande do Norte. Essa “presença”, que se iniciou nos anos 20, cristalizou-se com sua viagem ao Rio Grande do Norte no final de 1928 e se intensificou nos anos 30, favorecida por todas as agitações políticas que têm sempre São Paulo como ponto de partida. Durante a Revolução

Constitucionalista de 1932, as notícias vinham sempre através das cartas de Mário de Andrade. Parece-nos que estas eram lidas para grupos de amigos que esperavam ansiosos por notícias verdadeiras dos acontecimentos passados em São Paulo. É o que diz Cascudo nesta carta:

Fiquei tranquilo depois de sua carta, lida varias vezes e para vários auditórios sequiosos de informações paulistas. Nem V. pensa o que vem a ser uma notícia paulista de boa fonte. Nós não acreditamos em jornales e é sem preço uma palavra que aclare o mistério em que se debate o caso paulista, caso de todos os homens dignos (CC. 02/05/33).

Em carta de 13 de março de 1933, Cascudo fala da criação, pelo Governo, do Instituto de Música onde ele lecionará História da Música. O autor potiguar avisa que utilizará em seu curso três livros de Mário e até pede que este envie um programa para o último ano do curso. Segundo esta carta, Mário será eleito pela Congregação do instituto como professor honorário:

Junto envio o programa do primeiro ano de História da Música no nosso instituto que o Governo acaba de crear. O livro que recomendei foi o seu compendio [...] adotei mais dois livros seus. O Instituto de Música do Rio Grande do Norte terá professores honorários exclusivamente brasileiros. Em abril V. será eleito para esta classe (CC).

Mário responde prontamente, sugerindo providências, indicando livros e se colocando à disposição como conselheiro junto às casas de música de São Paulo. Ele fala ainda do livro *Na Pancada do Ganzá*, que está finalizando e que nas cartas ele chama de “livro do nordeste”.

Outro aspecto importante presente na correspondência dos anos 1930 é uma identificação profunda com certo “sentimento paulista” que muitas vezes se revela nas cartas de Mário de Andrade. Na década de 20, isso já parece ser um conflito interno do autor, mas na década de 30, com todas as movimentações políticas dentro e fora de São Paulo, de onde aparece a necessidade de adaptação do intelectual a um novo projeto ideológico que cobra a participação política do artista dentro da sociedade (Cf. LAFETÁ, 1974), esse sentimento se acentua – e se acentua porque São Paulo foi derrotado em 1930 e em 1932 e o governo paulista estava ocupado por interventores de fora, inclusive do Nordeste – e muitas vezes, pode ser percebido com maior nitidez nas cartas enviadas a Cascudo, como, por exemplo, na de 27 de abril de 1931:

É bom encontrar um homem como você, que soube ser eficaz na sua própria terra e aí ficar vivendo, pra comentar um bocado essa coisa

horrorosa que está se passando por aqui. [...] o que a gente percebe é o ódio, a inveja individualista medonha contra essa afinal de contas única coisa magnífica e apresentável da falsa civilização brasileira, S. Paulo. Você sabe perfeitamente que pelo meu conceito de civilização, a de S. Paulo é falsa, mas nem por isso deixa de ser a civilização que conta no país, influi nas nossas relações comerciais e espirituais com o mundo. Enfim S. Paulo é o único elemento Brasil que verdadeiramente pesa na balança do mundo (MA).

Aqui se pode perceber a identificação profunda, cosmopolita, e mesmo certo etnocentrismo em Mário de Andrade. Nessa mesma carta, ele ainda demonstra uma espécie de “raiva emocional” pelo “resto” do Brasil:

S. Paulo está dominado agora por um pernambucano e um gringo. O gringo é só infame, nada mais. [...] Enfim, Cascudinho, não é possível estar assim enumerando as causas de amargura e de despeito que os brasileiros estão me dando agora, raça infame, raça desgraçada, da raça minha que sou obrigado a olhar com repugnância. [...] Mas hei de achincalhar essa brasileira empregada-pública, que não contente com a indiferença com que os paulistas sempre pagavam estranhos pra suas instituições porquê eles tinham mais em que trabalhar, se aproveita dum estado de insania geral, pra chover sobre o estado como praga de gafanhotos, invadindo tudo, todos os empregos, todos os locais, chupadores, mamíferos. É horrível (MA).

Eis a razão do que poderia parecer bairrismo, e até etnocentrismo: os postos de comando, e mesmo de trabalho, ocupados pelos que derrotaram São Paulo na Revolução. Ainda no final da mesma carta, Mário justifica, contextualizando, a sua posição, que é marcada pelas circunstâncias históricas. No caso, ele afirma a sua posição nacionalista:

[...] Também é incontestável que tudo nos separa porêm as razões dessa separação me parecem indignas de ser pensadas nu momento em que a indignação as justifica detestavelmente, fazendo do separatismo não um fruto da razão, mas uma explosão de sentimentos. [...] Me desculpe essas expressões grosseiras, mas com você eu posso falar porquê certamente você não verá nelas a indignação dum paulistano, dum estaduanismo que nunca tive, sempre me repugnou e todos os meus trabalhos contradizem. É mesmo até por ser excessivamente brasileiro que me desespero contra os brasileiros, que, meu Deus! Inda são piores que os paulistas (MA).

Cascudo parece entender, e até concordar, com o amigo. Em carta de 08 de junho de 1931, ele afirma que a situação de quase todo país é semelhante à de São Paulo: o poder nas mãos de forasteiros, isto é, de gente alinhada com a nova ordem. E essa pareceria ser uma norma ou estratégia usada em todo o Brasil:

[...] São Paulo sempre foi um orgulho brasileiro para não dizer o orgulho brasileiro. A recua que está aí comendo está aqui também mastigando as migalhas dum estado pequenino. Paulista não pode governar? Pois assim estamos também e o Piauí. Todos os lugares de representação foram distribuídos a elementos alienígenas. [...] Nem um norte rio grandense está dirigindo repartição. Aqui a prisão é menor. Sente-se mais as grades... (CC, 08/06/31).

Vencida a efervescência emocional do momento, o autor de *Pauliceia desvairada* se refaz e volta a combater o separatismo. Mário, já na década de 30, volta a exercer o papel de líder modernista, sempre combatendo o regionalismo e as facções estaduais. Mas, o que o teria feito recuar ou repensar a sua posição? Em carta de 18 de julho de 1931, ele parece explicar esse aparente “separatismo” momentâneo ao amigo. A interventoria de João Alberto aparece como uma das razões centrais de sua revolta “paulista”:

Esperniei, ridicularizei esses “empregados públicos” (essa é a terra deles) exaltei S. Paulo, aturei o brio paulista barato. Mas ainda no artigo de 12 passado no Diário nacional me declarei brasileiro e não paulista. Agora, cessada nesta semana a interventoria João Alberto, desde ontem deixei no Diário o artigo de amanhã, mostrando que essas coisas não passaram de uma simbologia falsa e desumana e declarava não pactuar com ela (MA).

Numa longa carta, de quase quatro páginas datilografadas, em resposta a uma carta de Mário de Andrade, de 19 de dezembro de 1932, que, infelizmente não foi localizada, Cascudo irá comentar o cerco a São Paulo e dar, em detalhes, a situação do Rio Grande do Norte fazendo um balanço dos efeitos da revolução em terras potiguares:

Eu é que devo escrever-lhe longamente porque nem um minuto desejo possuir a forma de homem consciente com a pécha de me haver solidarizado com as patrulhas que assaltaram S. Paulo para que uma minoria vivesse estrangulando todas as vidas que independem do credo hediondo, unilateral e cínico em que vivemos. [...] Nós vivemos aqui num regime de asfixia e de pressão integraes. Não há um jornal independente. Eram quatro mas só resta o órgão oficial e reaparecerá o “jornal” diário do chefe de policia, espécie mulata e cretina dum João Alberto despudorado e aproveitador. Na tarde de 05 de julho de 1932 “A TARDE”, diário que você colaborava e eu, foi empastelado pelos elementos do chefe de policia, João Café Filho e o interventor Capitão tenente Bertino Dutra da Silva, declarou oficialmente que A TARDE havia sido empastelada pelos próprios redatores e os homens que rebentaram a folha continuam passeando sem um ave-maria de penitencia. Mal rompeu o movimento paulista o ambiente tornou-se irrespirável. Você precisa saber que a situação do interior do Estado é a seguinte: Não há um só outubrista que tenha eleitorado nem simpatias compradas aos velhos e moços chefes do P.R.P e

especialmente a dissidência que acompanha a figura moça e varonil do Dr. Juvenal Lamartine. Os prefeitos nomeados pelos outubristas são insignificâncias sem eficácia nem repercussão. Têm, entretanto, as armas, a demissão, a cadeia e os cargos para amigos e inimigos. Toda a população do estado foi desarmada em outubro de 1930. Não há armas em todo o sertão. Tenha bem em vista este ponto. Não há uma panelinha administrativa no interior que possa se orgulhar de popularidade. O comércio, os pequenos agricultores, as classes mais ou menos letradas, são consideradas suspeitas e postas de lado. Isto se dá de ponta a ponta. A exceção única era Dinarte Mariz, prefeito revolucionário de Caicó que era apoiado por todos os elementos. Dinarte foi um dos primeiros demitidos quando o CLUB 3 DE OUTUBRO pôde fazer o atual marinho interventor do estado. Começou para nós o domínio da chibata e a loucura financeira [...] São Paulo monopolizou as simpatias imediatas. As insígnias, as recusas em assinar telegramas de solidariedade ao Ditador, as recusas de falar em público, de ir em comissão ao palácio oferecer o sangue para defender Miguel Costa ou Dulcídio Cardoso foram a pedra de toque. A associação Comercial (que protestara ante o Ditador e Ministros contra o empastelamento da TARDE no dia simbólico de 05 de julho), o Instituto da Ordem dos Advogados, a Sociedade de Medicina, enfim as associações que sintetizavam a inteligência, o trabalho e a coragem, foram postas no índice porque, preliminarmente, jamais fizeram parte do movimento contra a ideia que São Paulo defendia com o sangue de uma mocidade eterna (CC, 04/01/33).

É uma carta longa, na qual, junto com as informações socioeconômicas e políticas, vemos Cascudo falar do rádio e das patrulhas que assaltaram São Paulo. Foram 2.020 soldados mandados do Rio Grande do Norte durante a interventoria Bertino Dutra da Silva. Cascudo narra ainda o sofrimento de seus conterrâneos e faz referências à resistência e à valentia de muitos deles. Ele narra, também, sobre os conchavos financeiros no estado e encerra contando ao amigo sobre sua condição pessoal, muito diversa daquela do final dos anos 20, quando era conhecido como “Príncipe do Tirol”.

É importante chamar a atenção para as mudanças que ocorrem na vida de Cascudo com a falência da firma de seu pai, Coronel Cascudo, quando aquele se vê obrigado a mudar, no início de 1933, da Chácara do Tirol, hipotecada, que sempre fora um local de grandes saraus literários e artísticos, para uma casa mais modesta, na Avenida Junqueira Aires, e depois, no final de 1937, para outra casa, mais modesta ainda, na rua da Conceição. Foi preciso também abdicar, em parte, de hábitos caros que o acompanharam por toda sua vida, quais sejam: comprar livros, bons charutos, hospedar amigos em sua casa, ajudar aos intelectuais que estavam despontando no cenário norte-rio-grandense. Eram pequenos hábitos arraigados ao longo da vida que lhe

custou renunciar. Além disso, ele teve de assumir a responsabilidade financeira para com a sua família: pais, esposa, filhos e empregados.

Segundo Hayden White (1994), a história, enquanto registro de um passado, só pode ser lida, mas ela só pode ser lida se primeiro for escrita. Acreditamos, de acordo com esta afirmação, que a história do modernismo no Rio Grande do Norte, assim como do Rio Grande do Norte, pode ser lida, porque foi escrita, em grande medida, nas linhas, e entrelinhas, desta correspondência.

Com base nos nossos estudos, acreditamos que o modernismo no e do Rio Grande do Norte se dará, principalmente, por meio desta correspondência e suas várias ramificações, como por exemplo, ensaios de Mário de Andrade publicados em jornais e revistas do Rio Grande do Norte, livros deste distribuídos e divulgados na província por Câmara Cascudo, assim como ensaios e livros de Câmara Cascudo publicados e/ ou divulgados no centro sul do país. Assim, essa correspondência não só “contará” a respeito da repercussão do modernismo no Rio Grande do Norte, mas mostrará que foi através das cartas trocadas entre o escritor paulista e o etnógrafo potiguar que as ideias modernistas chegaram ao Rio Grande do Norte e os intelectuais locais, entre eles o próprio Câmara Cascudo, começaram a ser divulgados, sistematicamente, no Centro Sul do país.

Nesse caso, de acordo com as informações acima e segundo Le Goff (1994), esta correspondência seria um Documento que, através de pesquisas e divulgações que comprovem sua eficácia como registro de uma história cultural, transforma-se em Monumento da história cultural de determinada época, de um lugar, um país.

A década de 30 chega com grandes transformações na história geral do Brasil e na vida de Mário de Andrade e de Câmara Cascudo. As cartas desse período têm quase sempre um forte tom político, ideológico que, de certa forma, sobrepuja as questões artísticas e literárias ou aparecem imbricadas a estas. E estes serão os eixos auxiliares que se sobressairão nas cartas desta época. Durante os anos 30, a presença de Mário de Andrade no Nordeste, e em especial no Rio Grande do Norte, se intensifica como resultado de sua visita em 1928. É a partir de 1929/1930 que Mário passou a fazer parte, sempre via Cascudo, de várias instituições, como o Instituto de Música, por exemplo, onde ele se torna professor honorário e tem uma sala batizada com o seu nome. A década de 30, principalmente na sua segunda metade, irá contemplar um Cascudo mais abatido espiritual, econômica e intelectualmente, após sofrer alguns embates em diversas áreas de sua vida.

Mário de Andrade, se na primeira metade da década de 30 enfrenta problemas com as revoluções e movimentações políticas e sofre alguns conflitos internos, a partir de 1935, quando ficará à frente do Departamento de Cultura da Prefeitura de São Paulo, ganhará novos ânimos, vibrará e parecerá mais feliz e realizado e muito mais produtivo.

O Integralismo, assim como a Insurreição Comunista e a 2ª Guerra Mundial deveriam estar entre os assuntos amplamente discutidos nesta conversa epistolar. Mas, curiosamente, não estão. Atribuímos isso aos cortes, naturais ou induzidos, presentes nessa correspondência.

Referências

ANDRADE, Mário. *Aspectos da literatura brasileira*. 6. ed. São Paulo: Martins, 1975.

GOMES, Edna Maria Rangel de Sá. *Correspondências: Leitura das cartas trocadas entre Luís da Câmara Cascudo e Mário de Andrade*. Dissertação (Mestrado em Literatura Comparada) – Departamento de Letras, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 1999.

LAFETÁ, João Luís. *1930: a crítica e o Modernismo*. São Paulo: Duas Cidades, 1974.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Trad. Bernardo Leitão et al. 3. ed. Campinas: São Paulo: Editora da UNICAMP, 1994.

WHITE, Hayden. Teoria Literária e a escrita da história. *Estudos históricos*. Rio de Janeiro, v. 7, n. 13, p. 21-48, 1994.